

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS

O RAP EM UMA ABORDAGEM SOCIOEDUCACIONAL

Autora: Caroline Verona de Oliveira

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Silveira Maia

JUÍNA/2010

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS

O RAP EM UMA ABORDAGEM SOCIOEDUCACIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras – Habilitações Português/Inglês e Respectivas Literaturas, do Instituto Superior de Educação da AJES, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Autora: Caroline Verona de Oliveira

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Silveira Maia

JUÍNA/2010

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Rafael Eisinger Guimarães

Profa. Ms. Solange Raquel Weber

ORIENTADOR

Prof. Dr. Cláudio Silveira Maia

Agradecimentos

Agradeço a Deus e a todos que direta e indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, especialmente aos meus mestres: Professores Rafael, Solange e Cláudio, pela colaboração sempre irrestrita.

Dedico:

À minha mãe

Resumo

Analizou-se neste trabalho a capacidade de definição e direção dos comportamentos e representações sociais que a comunidade e a sociedade incorporam na narrativa do *Rap*. Dessa forma, abordamos como exemplo uma das letras do *Rap* brasileiro enquanto poesia conversacional urbana e denunciata que se caracteriza por usos particulares da língua portuguesa, que aí se apresenta como que reconfigurada em tons mais radicais, introduzindo gírias e deformações sintático-morfológicas e neologismos, visando, sobretudo, uma representação da linguagem periférica cotidiana e depreciada das grandes cidades. Tratou-se, portanto, de uma abordagem sociológica de conteúdo e forma exemplares de uma letra do *Rap* brasileiro, intitulada “A Vingança”, composta e interpretada pelo Grupo *Face da Morte*.

Palavras-Chave: *Rap*, Habitante da periferia, Representação e Comportamento Sociais, Discurso do Marginalizado.

Abstract

One analyzed in this work the capacity of definition and social direction of the behaviors and representations that the community and the society incorporate in the narrative of the Rap. Of this form, we approach as example one of the letters of the Brazilian Rap while urban and denouncer poetry conversational that if characterizes for particular uses of the Portuguese language, that is presented there as that reconfigured in more radical tones, introducing syntactic-morphologic slangs and deformations and neologisms, aiming at, over all, a representation of the daily and depreciated peripheral language of the great cities. It was treated, therefore, of a sociological boarding of exemplary content and form of a letter of the Brazilian Rap, intituled “A Vingança” (the Revenge), composed and interpreted by the Brazilian Group “Face da Morte” (Face of the Death).

Word-Key: Social Rap, Blacks, Representation and Behavior, Speech of the Kept out of society one.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I – O que é Rap, sua história e seu meio socioeconômico e cultural.....	12
1.1 O Rap no Brasil.....	17
1.1.1 O Grupo de Rap <i>Face da Morte</i> e a música “A Vingança”	17
CAPÍTULO II – Análise da Música “A Vingança”	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

Em nossos estudos que antecederam a realização desta monografia, quando ainda na composição de nosso projeto de pesquisa, verificamos pouco a pouco que o Movimento *Hip Hop* parece estar marcado por dois paradigmas específicos na caracterização da sociedade e da comunidade. Os primeiros se reportam a uma certa lógica elitista, portanto classista, que já num primeiro olhar nos revela que, se de um lado está uma elite, do outro estará uma classe de menores, os segundos ou secundários, os marginalizados ou excluídos que compõem as motivações sociais coletivas das camadas populares. Essa dualidade de opostos é, pois, conforme pudemos entender, a principal matriz argumentativa do *Rap* brasileiro.

É então matéria de nosso interesse neste trabalho a capacidade de definição e direção dos comportamentos e representações sociais que a comunidade e a sociedade incorporam na narrativa do *Rap*. Dessa forma, abordaremos como exemplo uma das letras do *Rap* brasileiro enquanto poesia conversacional¹ urbana e denunciante que se caracteriza por usos particulares da língua portuguesa, que aí se apresenta como que reconfigurada em tons mais radicais, introduzindo gírias e deformações sintático-morfológicas e neologismos, visando, sobretudo, uma representação da linguagem periférica cotidiana e depreciada das grandes cidades.

Tratar-se-á, portanto, de uma abordagem sociológica de conteúdo e forma exemplares de uma letra do *Rap* brasileiro, intitulada “A Vingança”, composta e interpretada pelo Grupo *Face da Morte*, entendendo que conteúdo e forma são interdependentes e assim indissolúveis para a análise estética,

ou seja, [apesar de] grandezas de ordem diferentes: para que a forma tenha um significado puramente estético, o conteúdo que a envolve deve ter um sentido ético e cognitivo possível, a forma precisa do peso extra-estético do conteúdo, sem o qual ela não pode realizar-se como forma (BAKHTIN, 1998, p. 37).

¹ Por poesia conversacional entende-se aqui mais propriamente o conteúdo da narrativa no *Rap*, cujo tom desenrola-se em ritmo poético e de conversa; algo, portanto, como prosa poética. Então, em síntese, o gênero discursivo do *Rap* é composto pela forma da narrativa e por um conteúdo poético.

A citação de Bakhtin cai como uma luva a propósito das discussões que aqui estão sendo encaminhadas, já que seria impossível depreender os sentidos sociais construídos e a serem recepcionados pelo público do *Rap*, sem que forma e conteúdo não fossem visualizados em nossa análise. De fato, o ritmo como que de passos ora lentos ora rápidos, ora leves ora pesados, performam uma música cujo discurso procura falar como que se fosse possível reclamar diretamente, porque

falar é agir; uma coisa nomeada não é mais inteiramente a mesma, perdeu a sua inocência. Nomeando a conduta de um indivíduo, nós a revelamos a ele; ele se vê. E como ao mesmo tempo a nomeação para todos os outros, no momento em que ele se vê, sabe que está sendo visto; seu gesto furtivo, que dele passava despercebido, passa a existir enormemente, a existir para todos, integra-se ao espírito objetivo, assume dimensões novas, é recuperado (SARTRE, 1948 *apud* DALCASTAGNÈ, 1996, p. 22)

As palavras de Sartre nos convidam a dar nomes, a denunciar abertamente na poesia conversacional do *Rap*. Comportamentos, ídolos e atividades sociais são elencados, nomeados e manifestos aos ouvintes das músicas de *Rap* que muitas vezes nomeia o que não pode ser nominado em outras esferas discursivas da comunicação social. Com efeito,

ao afirmar que o racismo e a exclusão periférica são elementos persistentes na sociedade brasileira, o *Rap* torna explícitas as estruturas de dominação existentes. Ao utilizar as categorias de gênero e raciais para narrar a estrutura social, de igual forma, ele possibilita a visualização da centralidade da raça e de gênero para a constituição do sistema social. [...] Assim, ao reconhecer o engajamento do *Rap*, [...] se constata uma constante alteração entre esses dois elementos da narrativa, provocando a sensação que a narrativa ficcional confunde-se com a “vida real” do autor ou como o poder da fala do narrador. Esse recurso é utilizado pelos *rappers* para conferir veracidade às histórias narradas e por consequência obter legitimidade para essas. Nas revistas especializadas sobre *Rap* brasileiro, quando entrevistados sobre sua obra e sua trajetória pessoal, fica evidente essa relação uma vez que, ao falarem de sua obra sempre o fazem referenciando-a como “a vida real da periferia” a qual eles também vivem (ROSA, 2006, p. 07-08).

Como componentes de discurso legítimo na representação social da periferia brasileira, as características principais do *Rap* no Brasil buscam a realidade voltada para o gueto, para a pobreza, a violência urbana, violência policial, o racismo, a desigualdade social e educacional. Mas buscam também o resgate da autoestima do afro-brasileiro.

Apesar então de tais sujeitos e seu gênero discursivo serem alvos de preconceito linguístico, racial, socioeconômico e cultural, outros resistem e, através da música, retratam suas vivências e críticas à sociedade, mostrando as desigualdades e outras mazelas sociais.

Acreditamos, enfim, que a análise de “A Vingança” mostrará, em alguma medida, a realidade vivida pelas pessoas não favorecidas nas sociedades urbanas no Brasil e no Mundo, uma vez que o *Rap* é sim, universalmente, um discurso genuíno representativo dos marginalizados.

Assim, continuaremos nosso trabalho situando um breve histórico do *Rap* e sua respectiva contextualização, seguindo-se a análise sociológica da música “A Vingança”.

CAPÍTULO 1

O QUE É *RAP*, SUA HISTÓRIA E SEU MEIO SOCIOECONÔMICO E CULTURAL

O *Rap* significa ritmo e poesia, as letras das músicas em uma total harmonia com o compasso da batida perfeita procura mostrar a real situação que os habitantes das periferias, especialmente negros e mestiços, vivenciam a cada dia. No entanto, a origem do *hip hop* foi estabelecida por jamaicanos e porto-riquenhos, os quais introduziram as técnicas de dança. Dj's, como por exemplo, o samplar e o dumb que são ritmos de músicas.

Na década de 60 do século XX, iniciaram-se movimentos socioeconômicos e culturais aperfeiçoados pelos negros e/ou mestiços, mostrando um pouco das crenças e costumes; sendo assim, o *Rap* surgiu em função das condições subumanas vividas no tempo da escravidão, em que os negros eram submetidos a condições precárias, forçados a deixar suas famílias e suas crenças para servirem aos brancos, já na década de 1970, nos EUA, surgiu o movimento *hip hop* possuindo três aspectos de expressão: *Rap*, *break* e grafite.

O *Rap*, o *break* e o grafite buscam expor através da música, da dança e dos desenhos as dificuldades sociais que os afro-descendentes sofreram e sofrem no dia a dia, que são a violência policial, o racismo, a desigualdade social e educacional. Há também um resgate de autoestima que é de suma importância para cada classe social, tendo em vista o próprio gênero discursivo, visando uma integração social com a comunidade.

Nesse sentido,

o movimento hip hop, além da música, executa trabalhos sociais numa tentativa de “costurar” as arestas deixadas pelo Estado. Dessa forma, muitos desses jovens, por ocuparem uma posição desprivilegiada na hierarquia, abraçam os ideais e as atividades do movimento como uma forma de exercer a cidadania e buscar melhores perspectivas de vida (SOUZA, 2004, p. 70).

O gênero discursivo *Rap* é alvo de preconceito linguístico, racial, socioeconômico e cultural. Tais formas de preconceito atingem fortemente os sujeitos citados, incitando-os a que deixem sua própria identidade de negro ou mestiço, morador de morro, *rapper*, para viver a identidade da classe dominante. Muitos cedem às pressões sociais, mas tantos outros resistem e, através da música, retratam suas vivências e críticas à sociedade, mostrando as desigualdades que são encontradas em todas as dimensões.

O Brasil passou por algumas transformações a partir da consolidação da cultura *hip hop*. Foram então estabelecidas a questão da ética entre as classes sociais, a influência que a música absorve juntamente com outros ritmos, a agregação da religião e a importância que a família tem na construção de identidade de cada ser humano.

Infelizmente, ainda hoje, e em muitas partes do Brasil, a classe de afro-descendentes tem uma maior dificuldade de construção de identidade devido ao preconceito e também à desvalorização educacional que sofrem. Através disso, muitos pensam que porque são étnica e/ou economicamente desprestigiados nem precisam ter uma identidade, uma personalidade, como se ainda estivesse segregados racialmente.

Hoje, os direitos oficiais contemplam, teoricamente, a brancos e aos outros grupos étnicos, mas há uma certa desvalorização pessoal por parte dos próprios marginalizados que têm muitas vezes vergonha de serem não brancos prestigiados socialmente. Os principais precursores da implantação do *Rap* no Brasil são as grandes metrópoles Rio de Janeiro e São Paulo essa atribuição ocorreu também pela grande aglomeração de famílias de baixa renda que se estalaram nos morros do Rio de Janeiro e nas periferias de São Paulo formando assim as favelas e os guetos nas grandes metrópoles.

O *Rap* passou por uma segunda fase de novas tendências musicais que foi a mesclar o estilo rock entre outros, e a introdução de palavrões nas músicas; com isso a cultura *hip hop* não defendia somente a liberdade de ir e vir, mas também a liberdade de expressão de mostrar a realidade e também o modo de falar e de se vestir de cada comunidade do gueto.

É uma forma de expressão de valorização de crenças e costumes demonstrados principalmente pelos negros ou descendentes de negros, uma vez que a agregação de valores conta muito para quem é negro diante da sociedade, pois parte da sociedade ainda desvaloriza o sujeito negro, o que faz com que surjam dúvidas tais como se o negro tem a mesma capacidade de expor as suas ideias, elaborar projetos e de até mesmo assumir a presidência de um país da mesma forma que os brancos.

Ora, ser negro ou pertencente a qualquer outro grupo étnico não branco, não significa ser incapaz, incompetente, sem atitudes, sem senso crítico. Negros e outros marginalizados são capazes, sim, como é reconhecível no exemplo de Nelson Mandela: ícone negro que marcou época no mundo em luta contra a segregação racial na África do Sul, vindo-se tornar, na África do Sul pós-colonial, o seu primeiro Presidente negro. Apesar disso, o negro ainda é tratado como um animal em várias situações em muitos lugares do mundo. Situações de degradação da dignidade de grupos marginalizados não são, pois, nenhuma fantasia ou exagero: acontecem a cada segundo, a cada minuto, ao nosso redor que nem percebemos.

Não faltam exemplos divulgados nas diversas mídias que mostrem a brutalidade a que muitos negros e outros desprestigiados ainda estão sujeitos mundo afora. Um adolescente nem pode, muitas vezes, andar tranquilamente pelas ruas, pois tem medo de ser o próximo na mira dos bandidos e dos policiais, que simplesmente miram e atiram sem se importarem se é uma pessoa de bem ou não, tirando assim a vida de pessoas inocentes, que lutam a cada dia para ter uma vida digna, desgraçando famílias e estraçalhando futuros.

Geralmente, o negro e outros sujeitos periféricos não têm voz ativa entre as outras classes sociais, porque são estigmatizados pela cor de sua pele, pelo lugar onde moram, pela forma de falar e expressar seus sentimentos, pelo baixo poder aquisitivo. Seus valores, portanto, não são reconhecidos nem mostrados.

Nesse sentido, a forma com que eles expressarão os seus sentimentos de revolta e repúdio à marginalização é, como tem sido no Brasil desde a época da escravidão, a música, acompanhada da dança frenética e do grafite, como se estivessem a dizer: sabemos o que vocês fizeram conosco ao longo da história; mas agora acompanhados de uma variedade de marginalizados: toda sorte de mestiços,

imigrantes pobres e mesmo brancos, tendo em comum o ser pobre e de baixa escolaridade, mais propriamente, baixas expectativas de ascensão social.

A propósito, os marginalizados no gueto visam ser, existir, ter voz. Tais como James Cone em *A Black theology of liberation*, analisado brevemente por Paulo Freire em seu livro *Ação Cultural para a liberdade e outros escritos*. Dessa forma, a teologia da libertação que parece impregnar a poética marginal, como o *Rap*, na América Latina hoje, tem em Cone uma expressão aliada. Ouçamos Freire:

O profetismo de ambas não significa somente um falar em nome dos que se encontram proibidos de fazê-lo, mas, sobretudo, em lutar lado a lado com eles para que, transformando revolucionariamente a sociedade que os reduz ao silêncio, possam dizer, *efetivamente, sua palavra*. Dizer sua palavra, por isso mesmo, não é apenas dizer “bom dia” ou seguir as prescrições dos que, com seu poder, comandam e exploram. Dizer a palavra é fazer história e por ela ser feito e refeito (FREIRE, 2007, p. 150, grifos nossos).

Naturalmente, então, buscando mostrar o que de fato acontece no mundo em relação ao negro e consortes seus, de uma forma simples e fácil, cantando e dançando, buscam o reconhecimento de sua identidade e de sua negritude negadas, reprimidas e até auto-reprimidas através dos séculos. Mas a maioria dos representantes da sociedade quase sempre finge que não tem nada acontecendo ao seu redor, como denunciam os *rappers*, poetas de prosa menos favorecidos, que buscam constantemente a produzir a arte do choque, isto é, busca, com suas letras, chocar a sensibilidade dos ainda reprodutores do preconceito.

Com efeito, como tivemos farto exemplo em duas grandes guerras mundiais no século XX, os grupos sociais privilegiados desejam manter seus privilégios. Dessa forma, muitas vezes a saída é se calar diante da opressão do próximo e estar apenas a assistir, ficar literalmente de braços e mãos atadas sem manifestar nem uma reação sequer, apenas observar. Entretanto, o discurso do Rap, surgido na modernidade, é mais um discurso de exposição do sujeito desconstruído, numa tentativa talvez de sensibilização de segmentos da sociedade ou apenas de desabafo mesmo.

A propósito, um dos maiores críticos da modernidade, especialmente no presente das ex-colônias políticas, assim se pronuncia sobre aquela:

A modernidade, proponho, tem a ver com a construção histórica de uma posição específica de enunciação e interpelação histórica. Ela privilegia os que *dão testemunho*, os que são *sujeitados*, ou, no sentido fannoniano [...], historicamente deslocados. Ela lhes dá uma posição representativa através da distância espacial, ou do *entre-tempo* entre o Grande Acontecimento e sua circulação como signo histórico do *povo* ou de uma época, que constitui a memória e a moral do acontecimento *enquanto narrativa*, uma pretensão a um sentido comunitário cultural, uma forma de identificação social e psíquica. A manifestação discursiva da modernidade — sua estrutura de autoridade — descentra o Grande Acontecimento e fala a partir daquele momento de *imperceptibilidade*, o espaço suplementar *exterior* ou estranhamente lateral (BHABHA, 2001, p. 335-336, grifos do autor).

1.1 O Rap no Brasil:

O Rap surgiu no Brasil em 1986 em São Paulo. O ritmo do *hip hop* sempre foi mais aceitável pela população da violência e da favela, mas aos poucos foi ganhando notoriedade inclusive por setores importantes da imprensa, como os programas de auditório da televisão aberta.

Assim, os *rappers*, a partir de 1990, ganharam as rádios e a indústria fotográfica e televisiva, promovendo grande sucesso ao movimento *hip hop* no Brasil e no Mundo, lançando vários CDs e DVDs todos os anos, com a essência de denunciar a injustiça e a desigualdade social.

De fato, assinala Abramovay:

Os rappers assumem a denúncia social como seu principal papel, por intermédio de uma música capaz de retratar o mundo real, com um discurso agressivo. Porém, os jovens não consideram as letras uma apologia à violência, mas, sim, o fruto de uma realidade relatada por aqueles que são suas testemunhas oculares: a realidade é que é violenta (ABRAMOVAY et al, 1999, p. 182).

Note-se, então, que o Rap, nascido de uma problemática social e refletindo uma ambiência de exclusão, especialmente dos jovens brasileiros negros, assume uma função dupla: a de ser, ao mesmo tempo, uma atividade “de lazer” e “um canal de expressão da revolta desses jovens, um protesto contra a perseguição e a falta de direitos” (ABRAMOVAY et al, 1999, p. 182).

1.1.1 O Grupo de Rap *Face da Morte* e a música “A Vingança”

O Grupo de Rap *Face da Morte* surgiu no ano de 1995 em Hortolândia-SP. É composto por Aliado G, Mano Ed e Viola. Em 1995 foi lançado o 1º álbum do Grupo *Face da Morte* com o título *Meu Respeito Eu Não Enrolo Numa Seda*. O Grupo sempre busca lutar pelos ideais da sociedade em geral e mostrar através das suas músicas tudo que está ao nosso redor e muitas vezes nem percebemos. O Grupo só se solidificou no ano de 1998 quando surgiu o lançamento do CD *Quadrilha da Morte* que teve como destaque a música “A Vingança” que, a nosso ver, é a melhor elaborada quando o objetivo é mostrar a realidade que muitas famílias sofrem a cada dia. O *Face da Morte* é conhecido mundialmente pelo trabalho revolucionário de socialização por meio da música.

De fato, o *Rap* estabelece um discurso de contra-modernidade, uma vez que a modernidade surgiu apregoada como um novo tempo, um tempo em que as diferenças deveriam ser minimizadas, as pessoas conviverem de forma com que cada qual respeitasse as diferenças do outro. O que se vê, no entanto, é que, nas práticas sociais; isto é, no dia a dia dos acontecimentos da vida na sociedade moderna, as pessoas se negam a remodelação negando através de formas de preconceito e discriminação do próximo, e assim corroborando a marginalização dos sujeitos periféricos, a própria modernidade; o que nos faz notar que a pergunta de Bhabha é pertinente o bastante:

É para estabelecer um *signo do presente*, da modernidade, que não seja o *agora* da imediatidade transparente, e para fundar uma forma de individuação social em que o sentido de comunidade não seja *baseado em um tornar-se transcendente*, que quero indagar acerca de uma contra-modernidade: o que é modernidade nessas condições coloniais em que sua imposição é ela mesma a negação da liberdade histórica, da autonomia cívica e da escolha ética de remodelação? (BHABHA, 2001, p. 332, grifos do autor).

A imagem acima nos mostra um pouco da realidade que muitos vivenciam no seu dia a dia. Uma realidade de violência e descaso que muitas vezes passa despercebida de nós mesmos e das autoridades em geral. Tráfico de drogas, de armas, exploração sexual, assassinatos, roubos, policiais que se tornam bandidos, bairros inteiros dominados por facções criminosas, políticos corruptos; enfim, toda

uma sorte de atrocidades que assume papel de relato do cotidiano brasileiro nas músicas do *Face da Morte*; cotidiano em especial das grandes cidades, mas não que não seja também o cotidiano das pequenas cidades como Juína-MT.

Aqui então se misturam as palavras do grande educador Paulo Freire com a missão de prática de conscientização que podemos depreender do rap enquanto gênero discursivo:

A compreensão do processo de conscientização e sua prática se encontra, portanto, em ligação direta com a compreensão que se tenha da consciência em suas relações com o mundo. [...] Desta maneira, na prática teórica, desveladora da realidade social, a apreensão desta implica a sua compreensão como realidade sofrendo sempre uma certa prática dos seres humanos. Sua transformação, qualquer que seja ela, não pode verificar-se a não ser pela prática também (FREIRE, 2007, p. 170-171).

A prática socializadora depende, pois, da consciência da realidade social, o que nos leva a crer que, considerando que o *Rap* é um artigo de denúncia, nada mais normal que introduzi-lo como texto para leitura e interpretação da realidade, de acordo com a pedagogia freiriana.

CAPÍTULO 2

ANÁLISE DA MÚSICA “A VINGANÇA”²

O aparecimento da nova nação e a demolição das estruturas coloniais [uma vez que entendemos que a discriminação étnica e econômica, no Brasil contemporâneo, resulta da conservação de resquícios da colonização] são o resultado, ou de uma luta violenta do povo independente ou da ação [...] da violência periférica (FANON, 1979, p. 53).

Neste capítulo, apresentamos a letra da música “A Vingança”, do Grupo *Face da Morte*, a qual é nosso corpus a ser analisado.

Veremos que a música é mais um grito dos desassistidos que podem ser encontrados Brasil afora: uma multidão de negros, mestiços e brancos pobres discriminados e tratados como maltrapilhos numa sociedade infelizmente ainda marcada por forte presença do preconceito étnico e econômico.

Essa multidão, pois, tem em “A Vingança” a representação de suas vozes contra a marginalização, o descambo cultural, a falta de oportunidades para melhores condições de vida, educação e trabalho. Com efeito, existem certos segmentos da sociedade brasileira que olham os marginalizados apenas de soslaio, como se torcessem para que todos eles simplesmente morressem, deixassem de existir e, assim, de incomodar.

De fato, muito incomoda a sujeira, o cheiro fétido, a podridão, o lixo e a escória, especialmente quando produzidos por quem tenta de alguma maneira disfarçar, esconder e não consegue: está tudo ali. Bem ao redor. E é impossível se furtar. Este retrato de uma sociedade profundamente recortada em suas

² FACE DA MORTE. *A Vingança*. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/espaco-rap/1104357/>. Acesso: 01/11/2010.

diferenças sociais está bastante bem representado no contexto de “A Vingança”, a qual segue transcrita.

Sem perder a humildade, mostrando a realidade aqui é face da morte, nada é liberdade, com muita dignidade falando somente a verdade, ortolândia na fita, é 100% humildade!

O tempo passa o sol se esconde e a lua não vem, terça feira muita chuva tá embaçado pra sair, tá muito cedo pra dormir, no quarto da empregada um tesouro esta guardado, uma virgem treze anos um tremendo mulherão,

Isca fácil, presa fácil para o filho do patrão, um playboy folgado só da valor ao bmw que o pai lhe deu, resolveu tirar o atraso com aquela inocente, maria veio de outro estado, ninguém tá do seu lado, sem família, educação, sem escola sem um lar, dependia do emprego o fulano abriu a porta ela começa a reza, por favor me deixa em paz tinha um sonho de se casar ter seus filhos e seu lar, ele manda ela se calar, diz que no final ainda vai gostar, violentou-a sem dó seus sonhos viraram pó, não podia reclamar tinha medo de perder o emprego, passado algum tempo resultado é evidente sua barriga cresce e a verdade aparece, o patrão diz maria pega essa grana e vê se desaparece, atitude normal pra nós é muito natural vê rico dando esmola como se fosse hora extra, nem pensou na consequência o filho que vai nascer, na rua sem assistência maria agora esta só sem auxílio ou clemência, deixa rolar o mundo gira até as pedras podem se encontrar.

Não, não chores mais
Menina não chore assim
Não, não chores mais
Procure a Deus seu
Verdadeiro pai (2x)

Faz sete anos que o moleque nasceu, pela idade é normal ir pra escola e tal, já no primeiro intervalo a brincadeira no pátio era polícia e ladrão, agora tente adivinhar de que lado ele está, lá na favela não existe empresário pra ele se espelhar, a polícia vai lá somente pra matar, só vê miséria, tristeza e lamentos, nem se contrasta com os carros importados que descem na quebrada, é sabadão e os butecos estão todos lotados, ele vê uma cena que o deixa chocado, o pai tomando uma cerva com o filho do lado, ele não se conforma, não sabe quem é seu pai só tem a mãe

E mais nada, que aliás vive ausente e se tornou dependente do famoso mesclado, não muito longe dali 6 tiros são disparados, dois corpos são encontrados, mas uma vez se revolta com tudo a sua volta, na madrugada ele ainda está em claro, ouvi um barulho de carro, sua mãe chega em casa vinda da balada,

bem louca não diz nada, abriu a porta e desbundou parece um filme de terror mas é a pura realidade, talvez dura demais para um moleque dessa idade, agora já é tarde, conselhos não adiantam não matam sua fome, ele prefere a cola, não quer saber de escola, entrar pro mundo do crime virou sua obsessão, começou como avião, moleque é sangue bom, se enrola, segura a bronca, num kagueta o patrão com doze anos de idade ganhou o primeiro oitão.

Não, não chore mais
Menina não chore assim
Não, não chore mais
Procure a Deus seu
Verdadeiro pai (2x)

Rápido como disparo, passou do 12 ao 57 com menos de dezessete, ele já estava legal, deu uma força pra mãe se libertar do vício, comprou sua própria caranga, tem uma mina ponta firme é respeitada no crime, 157 nervoso o mano é linha de frente, já derrubou muita gente pra se levantar, a noite cai a luz acaba ele começa a pensar, lembranças boas, seu raciocínio é confuso, ele se lembra do pai, o ódio que ele carrega, um fardo muito pesado, mais uma vez se revolta com tudo a sua volta, mas tem um pressentimento, que está perto o momento de sua vingança, ao meio dia, horário marcado, plano bolado, vigia emquadrado, abriu a porta do escritório, engravatado atrás da mesa, parecia conhecê-lo mas não tinha certeza, uma arma apontada para sua cabeça, o covarde abre o cofre tremendo igual vara verde, por favor não atire, eu acho que eu te conheço, o mano olha bem pra ele e tem a mesma impressão, engravatado pergunta se sua mãe é maria, ele responde que sim, pode levar o que quiser mas não me mate eu sou seu pai, nem quero mais seu dinheiro seu sangue e meu pagamento,
Vou cumprir meu juramento e vingar minha mãe, sete tiros são disparados com uma cano de 8 polegadas calibres 357, foram cinco na cabeça e mais dois no peito, o serviço está feito, ele chega em casa chama a mãe e diz: mãe, guarde essas armas pra mim com elas eu não preciso mais atirar, pois o fulano que um dia te usou e nos abandonou eu acabei de matar!!

Refrão(3x)

A música “A Vingança”, composta e cantada pelo Grupo de Rap *Face da Morte* mostra muito bem a real situação socioeconômica nas grandes metrópoles e seus reflexos pelas regiões periféricas do país, já que muitas famílias que habitam n mandam suas filhas ou filhos para estudar e/ou trabalhar nas grandes cidades, sem

imaginar ou dar a devida importância aos riscos que seus filhos correm a partir de uma separação às vezes um tanto repentina do seio familiar e conhecido dos jovens.

A desigualdade social, característica ainda das mais marcantes da sociedade brasileira, é estabelecida pelas classes de renda alta, demonstrando a desvalorização tanto econômica quanto cultural que sofrem os marginalizados em todo país. Aos marginalizados, porém, não está necessariamente destinado um futuro sem história, conforme observa Paulo Freire, visualizando o marginalizado a partir de uma consciência de mundo adquirida:

O mundo, enquanto “outro” de mim, possibilita que eu me constitua como “eu” em relação com “você”. A transformação da realidade objetiva (o que chamo de “escrita” da realidade) representa exatamente o ponto a partir do qual o animal que se tornou humano também começou a “escrever” história. Isto teve início no momento em que as mãos, liberadas, começaram a ser usadas de maneira diferente (FREIRE; MACEDO, 2006, p. 32).

É preciso destacar que negros e outros marginalizados são primeiramente seres humanos. E seres humanos têm sonhos, sentimentos, desejam ser notados e se realizarem como pessoas, como família e como profissionais. Desejam fazer história em ao apenas serem objeto dela; mas, para os marginalizados, tais realizações estão tão distantes. Em trecho de “A Vingança” que reescrevemos abaixo, lemos que

[...] no quarto da empregada um tesouro está guardado, uma virgem treze anos um tremendo mulherão, Isca fácil, presa fácil para o filho do patrão, um playboy folgado só da valor ao bmw que o pai lhe deu, resolveu tirar o atraso com aquela inocente.

Vê-se então que O Grupo traz em sua música a realidade nua e crua da favela. Uma realidade que ainda é a mesma daquela realidade de sociedade de mandatários e clientelistas, em que quem tem dinheiro se acha no direito de comprar e ultrajar a dignidade de quem não tem status econômico. Note-se que os marginalizados da periferia são desprezados pela cor de sua pele, geralmente não branca, pelos brancos representantes da elite econômica brasileira, entretanto, as mulheres, especialmente as meninas negras, são largamente desejadas, mas não para serem as futuras esposas dos riquinhos brancos, e sim aquelas que devem

lhes oferecer gratuitamente diversão e bizarras sexuais, para o que, talvez supostamente, não teriam a anuência moral de suas namoradas brancas.

Notemos que o discurso do *Rap* sobressai-se como um discurso amplamente polissêmico; praticamente personifica as muitas vozes que avanta, representa, materializa e, finalmente, dá alma.

Não se tem dúvida, assim, de que o jogo sintático, morfológico e, por consequência, sonoro e semântico construído pelo rap de “A Vingança”, denota os anseios, os desconfortos, as opressões e preconceitos das muitas vozes e gritos que comparecem no discurso musicalizado do Grupo *Face da Morte*.

Vejamos em novo trecho:

Faz sete anos que o moleque nasceu, pela idade é normal ir pra escola e tal, já no primeiro intervalo a brincadeira no pátio era polícia e ladrão, agora tente adivinhar de que lado ele está, lá na favela não existe empresário pra ele se espelhar, a polícia vai lá somente pra matar, só vê miséria, tristeza e lamentos, nem se contrasta com os carros importados que descem na quebrada, é sabadão e os butecos estão todos lotados, ele vê uma cena que o deixa chocado, o pai tomando uma cerva com o filho do lado, ele não se conforma, não sabe quem é seu pai só tem a mãe. E mais nada.

O rancor e dessocialização vivida por muitos pode fazer com que alguns optem por seguir rumos que desemboquem no mundo sem volta da vingança. Se, por exemplo, todo negro é sintomaticamente tido como ladrão, por que ele não será um ladrão? Seguindo enumerando exemplos, uma vez que a cor mais marginalizada é sim a do negro, se o negro é banalizado, discriminado, rejeitado, por que ele não rejeitará, banalizará e discriminará ao branco? Com a mesma indiferença com que tem sido e vem ainda sendo tratado, o negro e outros habitantes dos guetos, da periferia, dos morros está soerguendo-se, na expressão de Euclides da Cunha para os rejeitados de Canudos em *Os sertões*, como a “*urb* monstruosa” contra a sociedade racista e sexista do Brasil contemporâneo.

Nesse sentido, percebemos que o hibridismo, mais uma marca da pluralidade ou da polifonia no discurso do *Rap*, demarca claramente os limites entre uma sociedade rejeitada dentro de uma sociedade que se queria desvinculada da massa que, ironicamente, é notoriamente maior, mas com menos poder cultural, intelectual, político e econômico. Essas pistas ou marcas estão bastante bem delineadas na

estrutura linguística de “A Vingança”, num hibridismo responsável pela caracterização da denúncia, logo, do confronto, mas não físico e sim ideológico. De fato, conforme J. J. Carvalho,

o hibridismo implica necessariamente, em primeiro lugar, na existência de uma estrutura. Só se podem fazer híbridos se se tem estrutura. Espera-se que o ouvinte ouça a fusão. Se o ouvinte não tiver conhecimento das estruturas que são fundidas, perderá grande parte do prazer estético e alguns dos significados plausíveis oferecidos pela peça musical. A mera qualificação de uma forma estética como híbrida implica a existência de outras que certamente não são híbridas. Quando um compositor utiliza um material dito “nativo”, ele sabe que esse material aparece como uma citação, uma paródia, uma colagem, uma alusão, um elemento de experimentação. A expressão final, portanto, não é um híbrido, porque ela alude a um objeto que estabelece uma relação com aquela obra de arte precisamente na condição de não ser um híbrido (CARVALHO, 2000, p. 06).

Isso posto, na relação antagônica entre brancos e negros emergem dois discursos distintos, com estruturas ímpares, não híbridos, cada qual se posicionando como nativo e requerendo para si uma hegemonia impossível numa sociedade multiétnica como a brasileira. Desse modo, o Grupo *Face da Morte* compõe em “A Vingança” um hibridismo música/fala que acompanha uma paródia dos discursos, mormente, entre negros e brancos na sociedade brasileira, cujo resultado ou expressão final é um não híbrido tal como caracteriza carvalho na citação anterior. Com efeito, um discurso produto do hibridismo, mas uma mensagem nativa, uma mensagem-síntese da revolta do negro marginalizado.

Leiamos no trecho abaixo:

Vou cumprir meu juramento e vingar minha mãe, sete tiros são disparados com uma cano de 8 polegadas calibres 357, foram cinco na cabeça e mais dois no peito, o serviço está feito, ele chega em casa chama a mãe e diz: mãe, guarde essas armas pra mim com elas eu não preciso mais atirar, pois o fulano que um dia te usou e nos abandonou eu acabei de matar!!

Note-se que a letra de “A Vingança” se apropria da realidade vivida pelos marginalizados e a recria em tons de crítica a um sistema que reproduz os antigos modelos de repressão e opressão dos negros e outros não favorecidos. Vemos que um cotidiano de violência, inclusive familiar, faz parte da rotina dos empurrados para a margem da sociedade, fazendo eclodir, aqui e ali, mais uma cena de vingança

impulsionada pelo rancor, pela mágoa, pela desarmonia entre pessoas, enfim, pela exclusão.

Abramovay et al dizem que:

Em variados contextos, a exclusão se expressa em normas formais ou informais que impedem o acesso de grupos ou indivíduos ao conjunto ou parte dos direitos – econômicos, políticos, sociais, culturais – de que gozam os que desfrutam da plena cidadania (Fleury, 1998). Um olhar mais cuidadoso sobre a realidade dos jovens aqui focalizados mostrando que exclusão se superpõe a uma desigualdade (ABRAMOVAY, 1999, p. 51).

Neste momento, considerando-se o papel social da Escola enquanto instituição de ensino e educação para o exercício da cidadania, destacamos que a convergência dos valores multiétnicos nas escolas é de fundamental importância para a harmonia entre as próximas gerações de brancos e negros/mestiços, uma vez que devemos caminhar sempre na busca pela união e reciprocidade entre os grupos étnicos formadores da nacionalidade brasileira.

Infelizmente, até mesmo na Escola, único lugar que poderia representar a esperança dos marginalizados adquirirem possibilidades de ascensão social, respeito, dignidade, autoestima, é ainda muito forte a discriminação. Na sociedade classista do Brasil contemporâneo, só os mais favorecidos desfrutam bens e status sociais.

Vamos refletir através deste outro trecho de “A Vingança”:

Maria veio de outro estado, ninguém tá do seu lado, sem família, educação, sem escola sem um lar, dependia do emprego o fulano abriu a porta ela começa a reza, por favor me deixa em paz tinha um sonho de se casar ter seus filhos e seu lar, ele manda ela se calar, diz que no final ainda vai gostar, violentou-a sem dó seus sonhos viraram pó, não podia reclamar tinha medo de perder o emprego.

Nos dois primeiros versos verifica-se a solidão a que é submetida uma mulher jovem que migra de um determinado estado em busca de melhores condições de vida e oportunidades. Em vez disso, o que ela encontra é exploração em todos os sentidos, violência, subjugo. Tem a sua dignidade escoraçada, os seus direitos aviltados sem a menor complacência e, o que é pior: não encontra ninguém que lhe dê socorro, que lhe sinta as dores. Nem mesmo o Estado lhe oferece o

suporte que deveria. É como se todos estivessem se perguntado: *Por que ela não ficou lá na terrinha dela?*

Trata-se, pois, de marcas alusivas à exclusão do ser, ao que depreende-se que a mulher, no contexto de uma sociedade ainda machista e sexista ao extremo, figura como mero objeto para o bel prazer do sujeito masculino, principalmente se este é branco e é o patrão:

o patrão diz maria pega essa grana e vê se desaparece, atitude normal pra nós é muito natural vê rico dando esmola como se fosse hora extra, nem pensou na consequência o filho que vai nascer, na rua sem assistência maria agora esta só sem auxílio ou clemência, deixa rolar o mundo gira até as pedras podem se encontrar.

Chama-nos atenção o estado de subserviência a que a mulher negra sem família é submetida na sociedade branca. Não bastasse isso, o filho bastardo que ela espera também será mestiço desassistido, mais um vira-latas no mundo, para quem, recorrer à violência será talvez o único sentido encontrado para sentir-se vivo. Estando renegado, às vezes até pela própria mãe, a filiação a uma gangue, por exemplo, será um meio de adquirir identidade, de existir, de ter voz.

É preciso um esforço coletivo para modificar esta situação desastrosa que está sendo experimentada por grande parcela de jovens carentes e que afetam gravemente as suas próprias chances de sobrevivência. Entretanto, a sociedade em si não tem dado a devida atenção para esses acontecimentos conflitivos e geradores de outros e complexos conflitos.

Nesse sentido, fenômenos da violência social no Brasil, tais como a pobreza, e em especial a pobreza localizada em grupos marginalizados como o dos negros, informam um quadro determinado por condições históricas e sociais que explicariam o aparecimento de condutas violentas também na escola. Mas será que a pobreza é por si mesma responsável pela violência social? A violência não ocorre em função da pobreza, mas sim pela falta de igualdade social estabelecida pela má distribuição de renda. O Brasil é caracterizado não só pela desigualdade, mas também pela existência de elites que privatizam a esfera pública e assim determinam, na prática e na maioria das situações que possam ser postas em causa, a ausência de direitos, fortalecendo a impunidade e a corrupção.

O país só tende a ser uma sociedade que produz, ao mesmo tempo, a cultura da violência e a sua banalização.

Reproduz-se assim um sujeito que

não quer saber de escola, entrar pro mundo do crime virou sua obsessão, começou como avião, moleque é sangue bom, se enrola, segura a bronca, num kagueta o patrão com doze anos de idade ganhou o primeiro oitão.

Importante salientar que o patrão aqui é o traficante, o chefe da bandidagem qualquer que seja a sua natureza. A priori, então, essa dicotomia que caracteriza a elite favorecida e as classes marginalizadas continuará marcando o cenário da sociedade brasileira por não se sabe quanto tempo ainda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho até a conclusão deste trabalho foi longo e penoso. Muito nos deixaram apreensivos a falta de material específico e outras dificuldades que foram surgindo. Mas as pedras no caminho existem para serem vencidas; por isso, se desanimamos num certo momento, retomamos a caminhada e nos dispusemos a ir enfim, até o fim.

Nessa trajetória, percebemos que o *Rap* é um símbolo, um ícone do discurso negro no Brasil e em várias partes do mundo. Em defesa da negritude e da mestiçagem, da cidadania negra, da existência e da consciência negras, da necessidade de igualdade das condições de acesso a oportunidades para todos, o *Rap* desponta como arte e informe de denúncia da marginalização de grupos não brancos socialmente prestigiados, ainda corrente em nosso país.

A música que analisamos do Grupo *Face da Morte*, “A Vingança”, é um retrato da marginalização dos pobres e desassistidos brasileiros. É um discurso das ruas e sarjetas, das vielas e becos, dos morros, enfim, das pessoas e lugares periféricos do mundo urbano brasileiro. Pensando na letra e melodia de “A Vingança”, nos sobressaltamos quando de repente nos damos conta de que a segregação racial ainda existe no mundo e continua a vitimar tantas pessoas: homens, mulheres e crianças desprestigiados, aos quais é negado ainda o direito à igualdade de condições na luta pelas oportunidades de viver melhor e ascender socialmente.

A muitos homens negros e mestiços ou pobres ainda falta a oportunidade para o exercício de cargos de comando e trabalhos mais técnicos, a muitas mulheres, nas mesmas condições relacionadas aos homens, nada resta que não continuar como subalterna e à mercê de algum patrão ou filhos de patrão que a veem apenas como objeto sexual, a muitas crianças, em tal contexto, destina-se a falta de tudo: de conforto, de lazer, de educação, de futuro.

Com esse quadro, percebe-se que a violência da exclusão social é a maior das violências, pois ela enceta todas as outras violências: a sexual, a da exploração

trabalhista, a de chantagem emocional, a do preconceito étnico e lingüístico, a da ausente ou baixa autoestima, a violência do homicídio, do suicídio, do latrocínio, da corrupção.

A exclusão social impede o sujeito de existir enquanto sujeito capaz de perceber-se na condição de pessoa e digno de produzir e ofertar no mundo dos *bem-aventurados*. Faz com que os marginalizados fiquem e pereçam à margem da sociedade. Que sejam seres rústicos para os quais sempre há um guarda pronto a declarar voz de prisão por mera desconfiança a partir da cor da pele; isso quando não se atira primeiro.

Muitos, portanto, se entregam ao mundo do crime por ser tal mundo a única via de acesso à expressão de uma existência que muitos querem que continue encalacrada na periferia, nos guetos, no anonimato. Mas “A Vingança” é um importante relato de que as nações desamparadas continuarão a revidar; afinal, reagir à tirania é preciso, e os marginalizados estão aptos a agir por meio de um discurso intelectual, artístico e em consonância com os tons de violência que a sociedade continuar a gerar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Gangues, galeras, chegados e rappers**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

BAKTHIN, Michael. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. 4. ed. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

CARVALHO, José Jorge. **Um panorama da Música afro-brasileira**: parte 1: Dos Gêneros Tradicionais aos Primórdios do Samba. Brasília: Dep. de Antropologia/ UnB, 2000. (Série Antropologia nº 275)

DALCASTAGNÈ, Regina. **O Espaço da Dor**: o regime de 64 no romance brasileiro. Brasília: Ed UnB, 1996.

FACE DA MORTE. **A Vingança**. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/espaco-rap/1104357/>. Acesso: 01/11/2010.

FANON, Franz. **Os condenados da terra**. 2 ed. Prefácio de Sartre. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**. (e outros escritos). 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____; MACEDO, D. **Alfabetização**: leitura do mundo leitura da palavra. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

ROSA, Waldemir. **Homem Preto do Gueto**: um estudo sobre a masculinidade no Rap brasileiro. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2006.

SOUZA, Gustavo. Novas sociabilidades juvenis a partir do movimento hip hop. **Animus**: Revista interamericana de comunicação midiática/Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais Humanas, v. 3, n. 2. Santa Maria: NedMídia, 2004.